

## Mulher, telejornalismo e estereótipos: discurso, classe social, gênero e raça

## Femme, téléjournalisme et stéréotypes : discourse, classe sociale, genre et race

Belmira Magalhães<sup>1</sup>  
Lídia Ramires<sup>2</sup>

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.”

Audre Lorde

### Resumo

Nosso objetivo neste artigo é discutir os estereótipos que acompanham a participação das mulheres como âncoras do jornalismo televisivo. O papel das mídias na sociedade tem uma importância cada vez mais abrangente e frequente, principalmente em relação ao seu poder de convencimento, tanto através de seus noticiários e também pela velocidade da internet, que podem, em questão de minutos, alcançar um número enorme de leitores e de novas mensagens e, principalmente, pelo silenciamento de notícias que não devem ser discutidas, como quais as mulheres/jornalistas que podem ser contratadas para aparecerem na tela, comandando um programa. Neste artigo, seguiremos a Análise do Discurso Pechutiana e a Ontologia Lukcasiana como bases teóricas, principalmente no que diz respeito às formas utilizadas para universalização do discurso midiático na construção da história. Os conceitos de luta de classes, ideologia, e silenciamento serão norteadores de nossas análises. A alienação decorrente da própria lógica do capital e do papel da ideologia criam a cena necessária para a implementação de “mudanças” que não podem deixar de se consolidar para toda a sociedade, mas que não interessam aos trabalhadores e trabalhadoras.

**Palavras-chave:** Discurso. Capitalismo. Mulher. Jornalismo

### Résumé

Notre but dans cet article, c'est de discuter les stéréotypes qui accompagnent la participation des femmes comme ancre du journalisme télévisé. Le rôle des médias dans la société a une importance chaque fois plus large et fréquente, principalement par rapport à son pouvoir de persuasion, par les journaux télévisés et aussi pour la vitesse des médias de l'internet qui peuvent soudainement attendre un énorme des lecteurs et des nouveaux messages, et principalement, en bâillonnant les nouvelles qui ne doivent pas être abordé, comme par exemple, quelles femmes / journalistes peuvent être engagées pour apparaître à la télé en commandant un programme. Dans cet article on suivra l'Analyse du Discours de Pêcheux et l'Ontologie de Lukács comme des bases théoriques, notamment ce qui concerne les formes utilisées pour l'universalisation du discours médiatique dans la construction de l'histoire. Les concepts de la lutte des classes, idéologie, et le silence seront les guides de nos analyses. L'aliénation découle de propre logique du capital et du rôle d'idéologie créent le scénario nécessaire pour l'implémentation de « changements » qui ne peuvent pas laisser de s'établir pour toute la société, mais

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura na Universidade Federal de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2803-4216>.

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3456-4341>.

*par contre n'intéressent aux travailleurs et travailleuses.*

**Mots-clés:** Discours. Capitalism. Femme. Journalisme

**Recebido em:** 30/01/2021.

**Aceito em:** 25/04/2021.

## Introdução

A luta das mulheres contemporâneas tem tido um alcance muito importante para a mudança de seus papéis na sociedade. No entanto, estão muito longe de alcançar uma igualdade plena. Sabemos, a partir dos trabalhos já publicados sobre esse tema, que na sociedade capitalista não haverá uma igualização, pois para esse sistema a subalternidade das mulheres é fundamental. O machismo e o patriarcalismo têm função de formar a base que leva a exploração das mulheres, como mães e como trabalhadoras.

Neste artigo, temos o objetivo de discutir o papel das mulheres jornalistas na mídia televisiva e esclarecer os estereótipos para que trabalhem na área, que nos mostram como difícil é conseguir e manter algumas funções.

Neste artigo, a base teórica que seguiremos é a Análise do Discurso Pecheutiana (AD) e a Ontologia Lukcasiana, que nos mostram que a linguagem não é transparente e os discursos precisam ser analisados a partir de suas materialidades, buscando o lugar histórico do sujeito do discurso, para que possamos chegar ao efeito discursivo que ele propõe. Para isto, é necessário que a análise chegue às contradições das sociabilidades, neste caso, ao lugar das mulheres no sistema capitalista da atualidade.

Entre tantas outras formas de mostrar as dificuldades que as mulheres sofrem no mercado de trabalho, escolhemos a função de âncora em emissoras de televisão, que para quem não conhece, pode parecer um lugar privilegiado para trabalhar.

Partimos de depoimentos de mulheres âncoras na televisão brasileira e encontramos dificuldades que vão do corpo, passando pela idade, pela cor, pela maternidade etc. que impedem que jornalistas competentes consigam ocupar essas funções. O que na maioria das vezes para os homens não se faz necessário.

Em nosso artigo, partimos do discurso de/sobre jornalistas para mostrar o que acontece em um posto de trabalho, mas ressaltamos que a maioria das mulheres estará impactada pelas “normas” para ocupar qualquer função. O patriarcalismo, como uma das muitas formas do sistema capitalista, estará sempre atuando para que o machismo continue impondo suas regras discriminatórias que atuam na realidade das sociedades de classes, mesmo em posições profissionais que são, aparentemente, de destaque e de liberdade de atuação.

## Crise do Capital, Pandemia e Mulheres

Nosso artigo se debruça, sobre a discriminação das mulheres. Somos tocadas pelo grande número de feminicídio, não para discutir o aumento desse crime, mas para discutir as fases do machismo. Nesse momento, resolvemos ter como objeto a mídia televisiva, pelo grande alcance de seus programas, principalmente com a pandemia fazendo com que todos fiquem muito mais horas em casa.

O Brasil, como os demais países, está vivendo um momento histórico de crise para a humanidade, mas principalmente para a classe trabalhadora. A crise estrutural do capital, que desde o século XX vem se aprofundando e exigindo do sistema capitalista medidas cada vez mais rigorosas em relação às trabalhadoras e aos trabalhadores, para manter o lucro, tem buscado novas formas de exploração da classe trabalhadora.

Nesta situação de crise econômica e política, o conservadorismo sobre a família e a mulher foi se estabelecendo e trazendo um movimento, que ainda está funcionando, que fez com que o feminicídio explodisse de formas diferenciadas, mas principalmente nas relações familiares e, também, o crescimento do abuso de mulheres e crianças cada vez maior. Isto tudo somado ao desemprego, ao crescimento explosivo dos trabalhos remotos, do uso da tecnologia, à perda de direitos já consolidados como a aposentadoria com remuneração etc.

Para que o lucro não caísse tanto, no Brasil, os três poderes do Estado, da democracia burguesa, dirigiram, com a participação da grande imprensa, que era primordial a saída da Presidenta Dilma Rousseff. Um golpe tirou a presidenta eleita e permitiu o começo para a realização das reformas que atingiram diretamente à classe trabalhadora.

O golpe armou toda uma estratégia que acabou permitindo a eleição de um presidente que traz para o governo a ideologia conservadora. Essa foi a forma que o capital engendrou para poder continuar a manipular as ações que lhe interessassem. Percebe-se então que a luta se dá a partir do que é ditado pela burguesia, e não pela ótica dos trabalhadores.

Na vida cotidiana dos negócios é necessário que – sob pena de bancarrota – a realidade seja observada com precisão (sem a preocupação de que sua verdade que a sua verdade objetiva, a sua independência da consciência – do ponto de vista gnosiológico – seja negada). Em todos os outros domínios, porém, reina o arbítrio irracionalista sem qualquer limite. [...] Destaca-se aqui com nitidez uma determinação muito importante do irracionalismo: uma de suas mais importantes das tarefas da burguesia reacionária consiste oferecer ao homem certo *confort* no terreno concepção do mundo, a ilusão da liberdade completa, a ilusão de independência pessoal, da superioridade moral e intelectual – quando seu comportamento o vincula em todos os seus atos reais à burguesia reacionária, colocando-o incondicionalmente a seu dispor (LUKÁCS, 2020, p. 25).

Vivemos um momento em que o Estado brasileiro é dirigido pelo irracionalismo político, que permitiu que incêndios na Amazônia e no Pantanal não fossem debelados imediatamente, porque há uma necessidade dos ruralistas de áreas para, principalmente, o gado e a soja.

À misoginia praticada e estimulada pelo presidente Jair Bolsonaro em constantes ataques às mulheres, ainda como deputado federal, com afirmações como a de que não

estupraria a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) porque ela não “merecia” por ser “muito feia”; ou de que não contrataria mulheres porque elas engravidariam e têm direito à licença-maternidade: “Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano”, em afirmações repetidas em entrevista em 2014<sup>3</sup>. Os ataques continuaram mesmo após assumir o maior posto político do país. Em 2020, a vítima foi a jornalista Patrícia Campos Salles que sofreu ofensas durante o depoimento de Hans River à CPI das *Fake News*, postadas pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-RJ) e comentadas por Jair Bolsonaro, com jornalistas.

Após a repercussão do depoimento, o presidente Jair Bolsonaro, em meio a risos, comentou: “Ela (repórter) queria um furo. Ela queria dar o furo (risos dele e dos demais). [...] A qualquer preço contra mim”. A ofensa à jornalista se deu [...] sob o argumento da piada, da brincadeira. Em meio a risos, Jair Bolsonaro questionou a seriedade da profissional, deslocando o sentido de furo jornalístico, que designa informação divulgada em exclusividade, à frente dos concorrentes, em uma paráfrase de baixo calão, para o sentido sexual atribuído ao termo “furo” (RAMIRES, 2021, p. 12).

A ciência tem sido submetida à política irracional do Estado que por muito tempo viu a pandemia como uma gripezinha e não buscou antecipadamente a compra de vacinas para a população. Chegamos à morte de pessoas no Brasil por falta de equipamentos que poderiam salvar muitas vidas.

Trabalhadoras e trabalhadores encontram-se, nesses momentos, sempre resistindo, mas nunca lutando pela destruição da exploração capitalista, ainda pensando que é possível humanizar o capitalismo. Conforme Lukács (2020, p. 19) afirma,

[...] nenhum pensamento, numa sociedade de classes, surge sem estar vinculado, embora com várias mediações, com as lutas de classes. Também aqui é nítida a atitude fundamental do irracionalismo, em contraposição à dialética. Uma tese fundamental do materialismo dialético é que a práxis constitui o critério da verdade teórica.

Esse é o lugar em que a AD pecheutiana deve estar sempre, assinalando que o *sujeito do discurso* ocupa um lugar nas lutas de classes e que, sempre, o *seu discurso* tem efeitos de sentido a partir dessa filiação às formações ideológicas e discursivas (MAGALHÃES, 2019).

Depois de dois anos de governo, 68 pedidos de impeachment foram formalizados (até fevereiro de 2021), mas o poder legislativo não colocou nenhum em votação. A chegada da pandemia do Covid-19 tornou a situação da população muito mais difícil, sem emprego e sujeita ao vírus que cada vez aumenta mais, sem resoluções que possam preservar as pessoas.

A pandemia, que continua cada vez mais matando os brasileiros, principalmente pobres e negros, está sendo usada para que a crise do capital seja esquecida. toda a precarização da economia é colocada como culpa da pandemia, como se o desemprego não fosse algo intrínseco ao sistema capitalista, principalmente em países que novamente, como o Brasil, foi colocado como exportador agrícola. as indústrias internacionais estão saindo do Brasil ou fechando por falta consumidores.

3As afirmações estão registradas em entrevista ao jornalista Gustavo Foster, do Zero Hora, em 2014.

A mídia em geral noticia as mortes, mas não as articula com as relações sociais conservadoras, que de uma forma ideológica, ao manter o machismo como forma de relacionamento entre homens e mulheres, permite o “poder do macho” nas relações sexuais humanas. Os homens são vistos como ativos, racionais e as mulheres passivas, emotivas, que precisam dos homens para viver.

Pesquisas realizadas pelas ciências sociais e biológicas, desde às comunidades primitivas, já mostrou que isso não é verdade. “Aqui, temos, então, um exemplo primordial de mudanças introduzidas na sociedade igualitária que foi transformada pela colonização e pela influência combinada dos missionários e mercadores.” (LEACOOK, 2019, p. 38).

A relação entre homens e mulheres era igualitária, o que não significava que todos realizavam as mesmas tarefas, mas que o cotidiano era discutido por todos.

O princípio da autonomia que para alguns estendia-se às relações entre homens e mulheres. Ainda que alguns observadores considerassem as mulheres como escravas, estas eram vistas por Le Jeune como detentoras de “grande poder”, cabendo-lhes em quase todas as situações “[...] a escolha de planos, empreendimentos, viagens e invernações”. De fato, a independência das mulheres representava um problema para os jesuítas, os quais, no intuito de introduzir princípios europeus de obediência, repreendiam os homens por “conceder” às suas esposas liberdade sexual entre outras formas de autonomia (LEACOOK, 2019, p. 60).

Nesse sentido, a discriminação das mulheres tem sua gênese nas sociedades de classes, cujas famílias passam a estabelecer diferenças de poder entre homens e mulheres e raças para se ter uma sociedade opressiva que gere sempre mais lucro para as classes dominantes.

No caso do sistema capitalista, os estudos sobre opressão das mulheres, mesmo no mundo contemporâneo, não podem ser realizados sem se recorrer às relações de produção impostas por esse sistema. A pergunta primeira a se fazer é por que e como o machismo e o patriarcalismo funcionam para o sistema, mesmo numa sociedade cada vez mais desenvolvida como temos na atualidade e que exalta a individualidade, mas mantém as mulheres, na maioria, dependendo dos homens, em diferentes formas?

A resposta se apresenta se compreendermos o real da história, um dos conceitos basilares da análise do discurso pecheutiana, para se entender as relações de produção do capitalista que tem como objetivo o lucro através da exploração da mais-valia.

Nessas funções da família nuclear que surge com o capitalismo e tem objetivo principal reproduzir trabalhadoras e trabalhadores para o capitalismo. A primeira tem de reproduzir trabalhadores, desde crianças, ensinando a ideologia que mostre a futuras e futuros trabalhadoras e trabalhadores o lugar subalterno que ocupará na vida. A outra, a do capitalista, tem de mostrar aos herdeiros que eles devem mandar e continuar a enriquecer.

Temos então uma hierarquia formada: homens, mulheres, homens negros e mulheres negras. A ideologia liberal/neoliberal coloca a maternidade como papel fundamental da mulher, fazendo com que muitas mulheres se sintam culpadas quando têm de sair para trabalhar, se realizar como pessoa e mesmo quando a necessidade é imperiosa e elas têm que trabalhar fora e não podem ser uma mulher “do lar”.

A ideologia inculca nas mulheres, desde sua meninice, que os homens mandam e que elas precisam deles. O casamento ainda é o objetivo da maioria das mulheres; mulheres sem homens são vistas como menores, que não conseguiram um homem para dizer que é seu. Por outro lado, aquelas que não têm filhos são olhadas como incompletas, o que faz com que muitas sofram a vida toda ou se submetam a tratamentos caríssimos e dolorosos para engravidar.

Por que isso? Porque o sistema capitalista precisa que essa ideologia da maternidade mantenha as mulheres em lugar subalterno na sociedade, para gerarem mais lucro para o capitalismo. Os estudos sobre a discriminação feminina têm de ter essa base para compreender as relações entre homens e mulheres na atualidade. Esse funcionamento ideológico é reforçado pelos estereótipos que sustentam o efeito de evidência de qual é o “lugar da mulher” na sociedade e, portanto, também no jornalismo.

O jornalista José Hamilton Ribeiro, destacou a ausência de estrutura para mulheres nas redações jornalísticas, ainda na década de 1930, ao relatar que:

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

Na mais ampla pesquisa realizada no Brasil sobre o mercado de trabalho para mulheres jornalistas no país, o cenário encontrado aponta para maior simetria no número de mulheres e homens em atuação. Entretanto, os cargos de chefia ainda são mais ocupados por homens, reforçando a lógica de trabalhadoras que se deparam com um “teto de vidro” que as impedem de chegar ao topo das carreiras. Segundo o relatório, na “área de turismo, moda, gastronomia e estilo de vida há proporcionalmente mais mulheres editoras que homens. Esse quadro sugere uma certa divisão do trabalho jornalístico conforme os antigos estereótipos”. (ABRAJI *et al.*, 2017, p. 17)

## **Jornalismo, mulher e beleza**

A juventude e a beleza dominam as relações sociais na sociedade contemporânea. Ligada à ideia de saúde e de um corpo saudável, o elogio a um corpo sarado, como sinônimo de saudável, predomina em todas as propagandas e nas programações das empresas jornalísticas.

Embora tenha começado diretamente para as mulheres, os homens acabaram sendo objetos de alguns programas de televisão, principalmente nas novelas. Paralelamente, as indústrias de cosméticos cresceram enormemente, sempre acompanhando as mudanças na sociedade. No momento, estamos assistindo a propagandas de produtos para mulheres negras, com produtos dirigidos somente para elas, coisa que não ocorria antes.

O padrão de beleza hoje, para as mulheres, pode ser definido pelos seguintes comportamentos: manter a juventude do corpo, isto é, estar sempre de dieta, fazer plásticas e outros procedimentos que deixam o corpo jovem; cuidar dos cabelos para que a aparência

sempre seja de um cabelo jovem; estar sempre na moda, seguindo os estereótipos ditados pela sociedade capitalista. As mortes de mulheres que se submetem a procedimentos em lugares que não têm condição de realizá-los, com competência e segurança, crescem cada vez mais.

A velhice é tida como algo que precisa ser escondido pelo corpo. Os cabelos têm de estar sempre pintados e penteados com a cor em voga, principalmente para as trabalhadoras que precisam esconder sua idade para não perderem os empregos e não serem excluídas do mercado de trabalho.

Nesse momento histórico, o cabelo grisalho, bem tratado, começa a ser recebido como algo possível, desde que seja em rosto bonito e também bem tratado. Mesmo assim, em alguns lugares, cabelo grisalho é considerado como algo muito isolado e que, logo percebido, é muitas vezes criticado. Vejamos o depoimento da jornalista Carla Vilhena, 53 anos, da CNN Brasil, a primeira âncora a comandar um telejornal brasileiro, sobre a questão dos cabelos e a velhice.

#### SD 1

“Ainda há um certo problema da sociedade em ver a mulher envelhecendo, e eu não acho que tem que ser desse jeito. O cabelo branco em si não é feio, tem mulheres jovens que pintam o cabelo de branco, de cinza, e ninguém se incomoda. O nosso incômodo não é com a cor dos fios, mas com o envelhecimento.

Eu vejo que as mulheres têm muito medo de envelhecer, mas eu não tenho esse medo, vejo muitas vantagens. Envelhecer liberta a gente de muita coisa fútil, muita bobagem, do medo do julgamento dos outros”.

Carla afirma que essa não é uma bandeira que levanta e pode mudar de opinião e cobrir os fios brancos a qualquer momento, mas defende que as mulheres tenham liberdade de escolher se querem pintar. Ela recebe mensagens de seguidoras dizendo que têm vontade de deixar o branco aparente, mas que ainda não conseguem — e entende: “Realmente não é fácil” (GONZÁLEZ, 2020, p. 01).

O depoimento da âncora que mostra que “*Não é fácil*” manter o cabelo grisalho nessa função nos mostra as contradições do mundo do trabalho. Por que isso acontece quando vemos vários homens de cabelo branco serem âncoras em vários telejornais: Cid Moreira, Renato Machado, William Waack, Chico Pinheiro, William Bonner, Eraldo Pereira, entre outros. Estes jornalistas, em sua maioria, são homens que envelheceram em atividade e que têm os cabelos, ao longo de décadas, embranquecendo sem que sofram alguma discriminação, ao contrário, sendo vistos como homens charmosos.

Como a sociedade brasileira vê a chegada da velhice para as mulheres? De uma maneira geral, ela será vista como a vovó, que vai ganhar peso e estará sempre a ficar com os netos para as filhas trabalharem. A Vovó Benta, do Sítio Picapau Amarelo, que se puder deverá ter uma mulher negra para ajudá-la, a Tia Anastácia. Essa forma do imaginário social

sobre a velhice faz com que o aparecimento do cabelo branco acenda a luz de que é o momento de se cuidar e encobrir os fios brancos, mantendo a aparência de certa juventude.

Mas a jornalista alerta que não é uma bandeira dela para as mulheres, pois pode ser que ela passe a pintar o cabelo. Um discurso que antecipa para os seus empreendedores, que está se colocando como à disposição de mudar sua forma de olhar seus próprios cabelos, se for preciso. Ao mesmo tempo, ela afirma que não sabe porque isso acontece, como deve ser o que a maioria responderia: “o lugar de mulher velha é em casa”.

Nas mulheres jovens, o cabelo grisalho é um charme, nas idosas é a marca do envelhecimento. É importante ressaltar que estamos falando ainda de cabelos grisalhos e muito lindos. Os programas de televisão só têm mulheres de cabelos brancos quando as vovozinhas vêm ensinar a cozinhar, isto é, se mantiveram no lugar prioritário da ocupação fundamental para mulheres: a casa, o lar. Ou então, em papel de idosas nas novelas.

Mas não só a juventude (ou a aparente juventude) é parte dos estereótipos que cercam a figura da jornalista, notadamente a de TV. As profissionais têm que se adequar também a um padrão de beleza no qual a magreza é valorizada, buscada e cobrada.

Vejamos outro depoimento, agora de Michelle Sampaio, âncora de um telejornal da TV Vanguarda (afiliada à Globo, em São José dos Campos - SP) sobre sua demissão por ter engordado durante a gestação e não ter voltado ao peso anterior à gravidez.

#### SD 2

“Na sala de diretoria geral da emissora, ainda ouvi uma frase que me marcou muito ‘você é uma ótima mãe, mas não se cuidou. Se quisesse mesmo emagrecer tinha emagrecido”.

“Essa questão de padrão estético na bancada do telejornal não é apenas na Globo, em outras emissoras também acontece” reclama a comunicadora.

“Não acho que seja preconceito. Eles têm padrões. Acho apenas que poderiam ter me dado a chance de fazer meu trabalho”, disse (ISTOÉ, 2019, p. 01).

Nesse depoimento percebemos que o padrão de beleza das emissoras continua a determinar as mulheres que podem passar pelo grifo dos “padrões”. Temos aqui um exemplo que mostra o que discutimos acima sobre o lugar da mulher no sistema capitalista. Os diretores expressamente mostram à profissional que seu lugar é em casa, como mãe, pois, ela enquanto estava de licença, não se cuidou para voltar a trabalhar.

Na frase que diretoria faz uma oposição entre ser mãe e profissional: *você é uma ótima mãe, mas não se cuidou. Se quisesse mesmo emagrecer tinha emagrecido*, mostrando que seu empenho foi cuidar do bebê, provavelmente amamentando e não se voltou, como devia, a emagrecer. É importante que se compreenda o que é o pós-parto, como fica o corpo feminino que necessita de uma revolução nos órgãos para que o feto encontre um espaço para crescer. Por outro lado, após o parto, há novamente um período grande para os órgãos voltarem aos seus lugares. Essa é reclamação da Michele: *Acho apenas que poderiam ter me dado a chance de fazer meu trabalho*. O que mostra que a diretoria acreditava que, por ser boa mãe, Michele não

conseguisse chegar ao padrão, temos um silenciamento que insinua que uma boa mãe não pode ser uma boa profissional.

Com essa forma de ideologia que trata o trabalho das mulheres como uma coisa secundária nas suas vidas, as mulheres são tidas como força de trabalho que não deve ser tratada como os homens, pois elas, quando mães, não se debruçam inteiramente como profissionais. A discriminação feminina, no capitalismo, tem como base a condição das mulheres de gestar e aleitar, transferir essas capacidades como algo que absorve a produtividade das suas vidas, porque só podem ser assim.

Novamente nos deparamos com o uso do corpo da mulher como forma de exploração das trabalhadoras desde as remunerações, na média, 30% menor que a dos homens (IBGE, 2020) e a dificuldade de conseguirem posto de chefia ao longo de suas vidas. O individualismo está impregnado nas pessoas na contemporaneidade, a maioria não percebe a necessidade de uma luta pelo coletivo, só pensa em si. Isto fica explícito no discurso de Michele Sampaio: “Não acho que seja preconceito. Eles têm padrões. Acho apenas que poderiam ter me dado a chance de fazer meu trabalho”, disse. (ISTOÉ, 2019, p. 01).

A profissional recusa a ideia de preconceito usado contra ela, não consegue refletir que o padrão já é um preconceito naturalizado contra as mulheres jornalistas, e que a beleza supera todas as competências. Por outro lado, a âncora se sente injustiçada por ter sido demitida: “Acho apenas que poderiam ter me dado a chance de fazer meu trabalho”. Aceita o padrão, mas se julga diferenciada e, por isso, deveria ter uma chance. Na verdade, ela apoia a ideologia meritocrática, que tem como objetivo colocar uns contra os outros, acirrando as individualidades e destruindo a coletividade, num momento de crise do capital, do conservadorismo e do neoliberalismo. As mudanças das relações de trabalho, cada vez mais, necessitam de solidariedade entre as e os trabalhadores em geral, para que consigam resistir à lógica do sistema capitalista, que busca sempre mais lucro, isto é, mais exploração.

As contradições do sistema podem ser demonstradas ainda na presença de profissionais negras nos espaços de jornalismo de TV. De maneira inédita, a Globo News debateu o racismo, no programa “Em Pauta”, apenas com jornalistas negros – na apresentação e nos debates. A edição foi ao ar em 3 de junho de 2020 e foi reprisada pelo Globo Repórter, no dia 5 de junho. Jornalistas relataram experiências pessoais de enfrentamento ao preconceito. O programa foi uma resposta a críticas nas mídias sociais pelo fato da emissora para assinantes ter debatido o racismo, um dia antes, com uma equipe apenas de jornalistas brancos. O *mea-culpa* da emissora provocou um momento raro no telejornalismo brasileiro. E essa “raridade” se dá na cobertura diária, num rigor ainda maior pela beleza, juventude e magreza.

Ao longo de seis décadas de televisão no Brasil, mulheres negras têm conquistado, paulatinamente, postos de trabalho e destaque no jornalismo de TV. Glória Maria, Dulcinéia Novaes, Graça Araújo, Luciana Camargo, Joyce Ribeiro, Flávia Oliveira, Aline Midlej, Lilian Ribeiro, Zileide Silva, Maju Coutinho e Luciana Barreto são exemplos disso. Repórteres e âncoras de telejornais, essas mulheres ainda são minoria no mercado de trabalho.

Maju Coutinho é a encarnação dessas exigências que se apresentam como avanço, mas que reproduzem esses estereótipos e segregam os espaços de trabalho na TV. Competente, experiente, bela, jovem e magra, a jornalista apareceu nas telas, em rede nacional, como a “moça do tempo”. A jornalista já havia sido âncora do “Jornal da Cultura” e do “Cultura Meio-Dia”, na TV Cultura, e chegou à Globo em 2005, passando pela

reportagem e chegando, em 2014, ao noticiário meteorológico do Jornal Nacional. Maju Coutinho foi a primeira negra nesses espaços de apresentação e recebeu ofensas racistas nos perfis do Jornal Nacional, em mídias sociais. De acordo com Da Silva (2017, p. 49), “rapidamente a equipe do Jornal Nacional respondeu às ofensas em vídeo, com uma mensagem de William Bonner, e a hashtag #SomosTodosMajuCoutinho, que lideraram os assuntos mais comentados no Twitter mundial”. Em junho de 2017, a jornalista passou a apresentar o Jornal Hoje (Globo) aos sábados, posto já ocupado pela também jornalista negra Zileide Silva - repórter política em Brasília, competente e experiente, que aos 61 anos segue nas reportagens. Às jornalistas negras cabe um duplo enfrentamento: ao machismo e ao racismo. O desafio é provar sua competência e lutar contra o padrão que estabelece esses postos, prioritariamente, a homens, em seguida a mulheres (belos e belas, e, nessa lógica, a beleza é branca). Como afirma Carneiro (2003, p. 02):

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: ‘Exige-se boa aparência’.

Maju, desde 2019, assumiu a apresentação do Jornal Hoje e foi anunciada como âncora eventual do Fantástico, aos domingos. Atualmente, a jornalista é sinônimo de jornalista negra de destaque, mas ainda a exceção em quadros de profissionais do telejornalismo. Como podemos observar no recorte de uma matéria anunciando a contratação de uma emissora de TV:

### SD 3

Luciana Barreto não quer ser uma história única. Ela não deseja ser conhecida como a âncora negra da CNN, comparada à jornalista Maju Coutinho e muito menos ser tratada como uma super mulher que, por mérito próprio, chegou onde está hoje. “Quero apenas que esses espaços sejam democráticos para que todas acessem”, explica (TPM, 2020, p. 01).

Ao se negar aceitar a posição de exceção, a jornalista (mestra em Relações Étnico-raciais) convoca um discurso de resistência ao efeito de evidência de que ela é mais um caso de enorme esforço individual (a “supermulher”) que se ancora no discurso da meritocracia, apontando o sucesso como consequência direta da (ilusão de) liberdade individual, de autodeterminação e de autonomia. Luciana Barreto, assim, enfatiza a falta desses espaços para outras mulheres negras e declara a necessidade de democratização dos postos de trabalho também no jornalismo de TV.

## **Jornalistas, afetividade e (in)tolerância**

Os estereótipos que determinam quem pode ou não estar no ar estão ligados a padrões de beleza (idade, peso, raça etc.), mas se estendem ainda à sexualidade dessas mulheres. Sendo modelos a serem seguidos, essas mulheres jornalistas têm suas vidas

privadas expostas quando são mães (em gravidezes múltiplas, como quando dos trigêmeos de Fátima Bernardes e William Bonner, os também trigêmeos de Poliana Britta e, mais recentemente, os gêmeos dos jornalistas Andréia Sadi e André Rizek).

O papel de supermulher (jovem, bela, profissional, mãe) – preferencialmente em gravidezes múltiplas que mostrarão a capacidade da mulher de cumprir esses múltiplos papéis, mesmo que silenciando as condições materiais em que essas profissionais têm, destaques no mercado de trabalho, representantes de percentuais mínimos de altas remunerações e possibilidades de negociação por folgas, horários especiais e condições de afastamento – e esposa, dentro de relacionamentos a serem apontados como modelos, o que implica em casos de heteronormatividade.

Às jornalistas lésbicas ou bissexuais caberão as matérias que destacam o enfrentamento de preconceito na sociedade – apontando “valores-notícia” como *proeminência* (pela notoriedade da profissional), *polêmica* (por ser uma controvérsia ou, até mesmo, um escândalo) e ainda pela *raridade* (que classifica como a serem noticiado fatos “inusitados” ou “incomuns”). (PEUCER, 2004)

Em 2016, a jornalista da Rede Globo, Fernanda Gentil, publicou em suas mídias sociais uma foto com a então namorada, a também jornalista Priscila Montandon. A postagem repercutiu na imprensa e nas mídias sociais e suscitou comentários positivos e também preconceituosos. Fernanda Gentil foi casada com o pai de seu filho (a jornalista tem ainda a custódia legal do filho de uma amiga falecida) e a relação com a colega de profissão passou a ser notícia pelos ataques homofóbicos, mas também pelos valores-notícia de polêmica e raridade. A manchete da matéria divulgada pela Folha de S. Paulo, em 2020, desvela os sentidos de namoro “fora da normalidade”:

#### SD 4

Fernanda Gentil celebra quatro anos da revelação de namoro: “A gente surfou onda” (FOLHA DE S. PAULO, 2020, p. 01).

A notícia era sobre a celebração da “revelação do namoro” e não da relação, propriamente dita – quando o comum é a comemoração de início do relacionamento. O destaque está na forma como o público recebeu a divulgação do namoro. Fernanda e Priscila tiveram as vidas pessoais devassadas, foram alvo de ataques em mídias sociais – e também receberam apoio de fãs, colegas, personalidades públicas. Mas ainda há, mesmo depois de casadas, a produção de sentidos de casal fora da norma, a heteronormatividade, que dita os sentidos de como deve ser a família, a mulher e o casamento, na sociedade capitalista.

A Folha de S. Paulo repercutiu uma postagem de Fernanda Gentil em suas mídias sociais. A jornalista usou uma metáfora para explicar o que o casal passou quando o relacionamento se tornou público.

#### SD 5

“Há exatos quatro anos o Brasil sabia que eu estava namorando uma mulher, e, (só) por isso, eu recebia uma onda de carinho de todos os lados. Mas paralela a ela, ao mesmo tempo, uma outra onda também se formava na minha direção de mensagens ruins, chatas,

e cheias de maldade. A onda ruim veio, e a gente nadou. A onda boa veio, e a gente surfou... e surfa até hoje!”, escreveu (FOLHA DE S. PAULO, 2020, p. 02).

O surfe é a diversão de milhares de pessoas no Brasil, mas é uma atividade que exige muito esforço, persistência, segurança e enfrentamento do medo do mar – que sempre muda, que é gigantesco. A prática ensina a lidar com algo muito mais forte, a se adaptar às mudanças constantes e a superar desafios, obstáculos e dificuldades. Se equilibrar em algo frágil, em constante movimento, tentando controlar algo que está para além do controle.

Foram várias “ondas” pelas quais o casal teria passado: de carinho e de “mensagens ruins, chatas e cheias de maldade”. O discurso de ódio das mensagens negativas, homofóbicas e preconceituosas fez o casal não conseguir “permanecer de pé na prancha” (o objetivo, afinal, é esse). Nesse enfrentamento, Fernanda declara: “a onda ruim veio, e a gente nadou” - enfrentaram esse mar turbulento e persistiram ao aproveitarem momentos melhores, ao afirmar: “a onda boa veio, e a gente surfou... e surfa até hoje”.

Os sentidos desvelados na análise do relato de Fernanda Gentil apontam para esse movimento de resistência aos ataques e de reprodução do discurso de “que é assim mesmo”, de “deixa para lá que passa”, tão recorrente em casos de tentativas de apagamento da discriminação na sociedade. Fica para os indivíduos o efeito de evidência de que basta ser resiliente a esses ataques - como se fosse uma questão pessoal (reagir bem ou mal) ao discurso que fere, difama e adoece.

Assim, há quem prefira se manter sem tornar público o relacionamento e reproduza o silenciamento tão comum na sociedade: não falar sobre, não demonstrar carinho, não assumir a relação publicamente. As mídias sociais espelham, então, a lógica de surpresa (estranhamento) quando um casal homoafetivo se dá as mãos, se abraça ou até mesmo se beija em público. Postar foto, declarar afeição, celebrar em “praça virtual” acirra comentários homofóbicos diretos e desvela tomadas de posição preconceituosas e a contradição nos dizeres que, a partir de análise, apontam para o discurso conservador que seleciona como notícia um relacionamento entre duas pessoas.

Esse efeito de evidência se mostra na publicação da vida pessoal de outro casal de mulheres jornalistas: Leilane Neubarth e a esposa Isabelle Bellenzani. Ao retomarmos às condições de produção do discurso (o tratamento da informação é de “notícia sobre celebridade”, em uma coluna que trabalha fofocas: TV Foco, do portal IG). A manchete já aponta para a escolha dos critérios de proeminência, polêmica e raridade:

#### SD 6

Famosa âncora da Globo assume romance lésbico com ‘toda-poderosa’ da emissora e casamento é descoberto (IG, 2019, p. 01).

A “famosa âncora da Globo (News)” é Leilane Neubarth, casada com a diretora-executiva do canal por assinatura, Isabelle Bellenzani. O relacionamento é nominado como “romance lésbico” e o casamento, colocado em segundo plano, teria sido “descoberto”.

Além de reproduzir a lógica misógina de mulheres subordinadas que mantêm romances com seus chefes homens – numa contestação, quase sempre velada, da

competência dessas profissionais para o exercício de suas atividades – segue a lógica preconceituosa de que esses relacionamentos homoafetivos acontecem em segredo (e assim deveriam ser mantidos). Se o casamento é legal e já consumado, como há segredo? E qual a necessidade de manter em segredo? Segundo a coluna:

#### SD 7

Leilane Neubarth e a diretora-executiva da Globo se tornaram notícia em setembro, após a apresentadora surpreender seus seguidores com um clique ao lado de Bellenzani. Na ocasião, a jornalista fez uma declaração à esposa e disse: “Nada como ter ao lado a melhor companhia... tudo fica mais bonito e divertido! Obrigada por todas as viagens” (IG, 2019, p. 01).

As jornalistas “se tornaram notícias [...] ao surpreender” os seguidores de Leilane Neubarth com uma foto com a própria esposa. Qual seria a surpresa? O fato de que uma mulher, jornalista de TV, figura pública, mãe e avó, é casada com outra mulher, e ainda mais “poderosa” na profissão que ela?

A contradição no discurso ainda se mostra no decorrer da notícia, quando se expõe a postura da empresa nessas situações:

#### SD 8

Nos últimos anos, a Globo tem adotado uma postura mais tolerante quanto ao fato de seus contratados, tanto do setor de dramaturgia quanto de jornalismo, em se assumirem suas verdadeiras preferências afetivo-sexuais (IG, 2019, p. 01).

O texto fala de “postura mais tolerante” - ou seja, antes não havia a possibilidade de expressão pública de afetos - e se mostra na escolha lexical que define como “tolerante”, e não “de respeito” ou “de liberdade” para que profissionais falem (ou não) sobre suas vidas. Não há, portanto, aceitação, e sim apenas “tolerância”.

### **Considerações finais**

Como mostramos, as mulheres jornalistas de TV são, muitas vezes, tomadas como musas e espelham o padrão que – mais do que exigido para contratação e permanência no mercado de trabalho – determina a outras mulheres (desde a infância) como devem ser e se comportar para serem admiradas.

A discriminação a que são submetidas as mulheres não deixa de existir, mesmo que alcançadas posições de destaque na sociedade, com autonomia profissional e independência financeira.

As mulheres negras são que as mais sofrem essa forma de exclusão, principalmente quanto a serem chamadas para serem âncoras. Em 2020 houve um movimento de negros/as mostrando como as televisões tinham uma só contratar mulher e homens, principalmente,

para serem personagens negros, como exemplo temos as empregadas domésticas e escravos e escravas. Após esse movimento, todas as emissoras começaram a contratar os negros com mais frequência. A globo contratou Malu para âncora do Jornal da tarde, tirando a âncora que fazia este jornal há muito anos, com vários troféus sobre a sua carreira.

Os estereótipos que determinam como mulheres devem ser, viver, amar, pensar, se comportar, atinge-as em todas as atividades e como âncoras do telejornalismo funcionam com dupla função: controlar essas profissionais e reforçar o efeito de evidência de que as demais mulheres devem seguir esses exemplos. A receita do “bela, recatada e do lar” é atualizada apenas na “autorização” para somar às tarefas domésticas o trabalho fora da casa.

Mesmo bem remuneradas, destaques profissionais e com sucesso em suas carreiras, essas mulheres estão subsumidas às relações de produção do sistema capitalista e da ideologia neoliberal. A discriminação ampla das quais são vítimas – mesmo que nem sempre se apercebam – mostra que há um caminho árduo de luta a esses estereótipos, de contestação por seus direitos e de defesa da liberdade na imprensa.

## Referências

ALMEIDA, M. I. M. de. **Masculino/feminino: tensão insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO *et al.* **Mulheres no jornalismo brasileiro**. Abraji. São Paulo: 2017. Disponível em: [https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901\\_GN\\_relatorioV4.pdf](https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf). Acesso em: 13 jan. 2021.

BARROS, A. Homens ganharam quase 30% a mais que as mulheres em 2019. **IBGE**, 06 maio 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019>. Acesso em: 28 mar. 2021.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Ed. Di Seuil, 1998.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

DA SILVA, M. G. **Negras! Somos Todas Maju: um estudo sobre representação e racismo no Jornal Nacional**. 68 fl. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Fernanda Gentil celebra quatro anos da revelação de namoro: apresentadora relembra mensagens positivas e negativas recebidas**. 01 Out. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/10/fernanda-gentil-celebra-quatro-anos-da-revelacao-de-namoro-a-gente-surfou-onda.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GONZÁLEZ, M. **“Vejo vantagens em envelhecer”**, diz Carla Vilhena, 1ª âncora grisalha da TV. *Universa*. 01 dez. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/12/01/carla-vilhena-as-mulheres-tem-medo-de-envelhecer-mas-eu-vejo-vantagens.htm#:~:text=%22Ainda%20h%C3%A1%20um%20certo%20problema,tem%20que%20ser%20desse%20jeito.&text=%22Eu%20vejo%20que%20as%20mulheres,medo%20do%20julgamento%20dos%20outros%22>. Acesso em: 13 jan. 2021.

IG. **Famosa âncora da Globo assume romance lésbico com ‘toda-poderosa’ da emissora e casamento é descoberto**. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/famosa-ancora-da-globo-assume-romance-lesbico-com-toda-poderosa-da-emissora-e-casamento-e-descoberto/#:~:text=Leilane%20Neubarth%20e%20a%20diretora,clique%20ao%20lado%20de%20Bellenzani.&text=Os%20dois%20s%C3%A3o%20contratados%20da,e%2C%20inclusive%2C%20s%C3%A3o%20casados>. Acesso em: 19 jan. 2021.

ISTOÉ. **Jornalista da TV Globo faz desabafo após ser demitida por estar acima do peso**. São Paulo: 23 Mar. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/apresentadora-da-globo-faz-desabafo-apos-ser-demitida-por-estar-acima-do-peso/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

LEACOOK, B. E. **Mitos da dominação masculina**: uma coletânea de artigos sobre mulheres numa perspectiva transcultural. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LUKÁCS, G. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MAGALHÃES, B. Crise, estrutural do capitalismo e o interracionalismo. *In: Conexão Letras. Política e discursos totalitários*. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

MAGALHÃES, B. *et al.* **Da linguagem ao poder**. Maceió: Edufal, 1997.

MAGALHÃES, B. *et al.* **Magistério**: reprodução da discriminação feminina. Curitiba: HD livros, 1996.

MARX, K. **Elementos fundamentais para la crítica de la economía política**. (*Grundrisse*) 1857-1858. México: Siglo XXI, 1978.

MÉSZÁROS, I. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação do método. São Paulo: Boitempo, 1997.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEREIRA, C. A. *at all.* (Org.) **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEUCER, T. **Os relatos jornalísticos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 1, n. 2. Florianópolis: 2004. p.13-30

RAMIRES, L. **“Eles conseguiram!”**: os sentidos de sucesso no jornalismo de televisão. Maceió: Edufal/ Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

RAMIRES, L. Interdições ao ser mulher: a luta pelo direito ao trabalho. *In*: BERTOLIN, P. T. M.; DUARTE, C. S.; MASSMANN, P. C. B. (org.) **“Gênero e (des)igualdade”**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2021.

RIBEIRO, J. H. **Jornalistas: 1937 a 1997**: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SAFFIOTI, H. I.B. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA SOBRINHO, H. F.. **Discurso, Velhice e Classes Sociais**: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. UFAL, Maceió, AL. 2006.

TOLEDO, C. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: Instituto José Luís & Rosa Sundermann, 2005.

ZERO HORA. **Bolsonaro diz que não teme processos e faz nova ofensa**: “Não merece ser estuprada porque é muito feia”. Porto Alegre: 10 dez. 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjkf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.